



REALIDADES SOBREPOSTAS: RECONTEXTUALIZANDO O REAL ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

SEHN, Thaís Cristina Martino¹

¹ Aluna do curso Artes Visuais Bacharel em Design Gráfico e Artes Visuais Bacharel em Pintura/Escultura/Gravura IAD/UFPel. crisehn@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Durante a disciplina de Projeto em Fotografia¹, ministrada pela professora Janaína Schwambach, foi proposto como trabalho final o desenvolvimento de uma poética visual. Durante o semestre foram sugeridas diversas leituras que falavam sobre a fotografia sob diferentes ângulos, sua história, as correntes artísticas, até chegar à produção contemporânea. Neste percurso os alunos foram identificando-se mais com determinados estilos que foram norteando o seu processo criativo.

Neste texto será apresentada a pesquisa que culminou na obra *Realidades Sobrepostas*, esta já foi exposta na Mostra Didática Fotografia Expandida², e na VI Bienal da UNE³.

METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente resumo expandido apresenta como principal ferramenta metodológica, a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Já para a realização da obra, o procedimento abordado foi o experimental, através de diversos testes chegou-se ao resultado final, onde foram apresentadas 20 fotografias impressas em transparências, dispostas duas a duas, sobrepostas, gerando assim um total 10 imagens. Estas foram suspensas em dois cordões de aços paralelos, e distribuídos no espaço da sala em um vão que facilitava a observação por todos os ângulos, fato que permitia a interação do espectador com a obra.

¹ Esta disciplina é uma cadeira optativa para alunos dos cursos de Artes Visuais e Design da Universidade Federal de Pelotas, estes que já tenham feito a disciplina de Fotografia I, onde se trabalha com fotografia analógica e convencional.

² Realizada em dezembro de 2008 no Centro Cultural de Integração MERCOSUL, na cidade Pelotas, RS.

³ Realizada em janeiro de 2009 na cidade de Salvador, BA.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ser humano, muitas vezes demonstrou vontade de capturar as coisas que o cercam; desde o tempo das cavernas, desenhava nas paredes, onde, ainda hoje, podemos observar animais, pessoas e imagens prováveis do “cotidiano” da época. Com o passar dos séculos, essa representação foi sendo aprimorada, adaptada a cada momento histórico, procurando, por vezes, fidelidade à realidade, ou tentativa de criação pela força de suas crenças ou de sua imaginação.

Segundo Janson (1996, p. 425), a fotografia surgiu com o intuito de capturar as imagens criadas pela natureza, respondendo a um anseio em busca do verdadeiro e do belo. Passaram-se algumas décadas para que a fotografia superasse o ser “como algo contíguo à cena registrada” (GAVA, 2006. p. 39). Nas primeiras décadas de existência da fotografia era preponderante a convicção de que a fotografia afirmava a verdade, e tal convicção advinha do fato de que na feitura da foto não há a interferência da mão-humana na captação da imagem. Tal dado conferiu credibilidade à imagem. Era como se a realidade cingisse o papel com sua existência.

Esse momento foi superado e passou a perceber-se que o fotógrafo interferia no resultado final, que ele não era apenas um acionador de obturador, e sim o dono do olhar, como salientou Sonaglio (2004, p.170), em seu texto *Tangenciando um processo de criação*, “É o olhar que molda, que testemunha a fotografia antes da sua materialização.” Ela ainda argumenta que é da natureza humana seleciona o objeto de visão, ou seja, toda a bagagem adquirida ao longo da vida influencia o olhar, a fotografia mostrará o que o fotógrafo optou por ver, desta forma pode-se considerar essa escolha, uma espécie de manipulação da realidade.

Philippe Dubbois (1983, p. 167), em seu texto *O golpe do corte*, pronuncia que a fotografia é um corte feito pelo fotógrafo, pois aquele instante fica perpetuado, ela não conta uma história, mostra um momento. Esta imagem perene poderá ser observada em qualquer lugar do mundo e até muito tempo depois do instante captado. O observador pode não ter nenhum contato com aquela realidade, ficando a cargo da sua imaginação imaginar seu entorno. Segundo Braune (2000, p. 79), esse distanciamento que a fotografia oferece, “seja no aspecto cultural, temporal, estético, espacial, social, psicológico, seja em qualquer instância em que se configure um distanciamento da realidade vivida por uma pessoa” favorece a instauração da surrealidade, pois faz com que o observador depare-se com algo que para ele é desconhecido, apesar de ser real, não faz parte de sua experiência de vida.

Barthes (1979. P. 12) afirmava, em 1979, que a fotografia é fiel ao instante capturado, “Ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Pode ser que ela seja interpretada diferente por cada observador, porém essa imagem traz sempre consigo o seu referente (BARTHES, 1979, p.13); sem ele, ela não acontece; seria impossível um elemento estar na foto se na hora do “clique” o mesmo não se fazia presente.

Entretanto, na sociedade contemporânea, com as novas tecnologias, esse caráter fidedigno dos fatos se perdeu. Com a manipulação digital tão difundida, ela deixa de ser um espelho do real (MORAES, 2003, p. 163), posto que não se sabe exatamente quais elementos foram fotografados e quais adicionados posteriormente, sem contar aqueles que podem ter sido criados virtualmente.

Durante o século XIX discutiu-se muito se a fotografia poderia ser considerada arte ou não. Para alguns era difícil definir uma coisa que transitava tão

facilmente no mundo da arte e da ciência. Atualmente ela já está conceituada como arte; entretanto, estamos acostumados a ver tantas imagens todos os dias, que por vezes, muitas fotografias belíssimas passam despercebidas. “Hoje, as tecnologias e seus ambientes conseqüentes se sucedem com tanta rapidez que um ambiente já nos prepara para o próximo”. (MCLUHAN, apud FERNANDES JUNIOR, 2006)

Nesse contexto, para se diferenciar do comum e conseguir a atenção do observador, surge um novo conceito artístico: Fotografia Expandida, que é caracterizada por uma produção mais arrojada, subjetiva, sem leis, onde o importante não é a veracidade da imagem. Neste tipo de trabalho fotográfico, procura-se fugir do comum, como se o objetivo fosse enganar o aparelho fotográfico. No entanto, nem isso determina as regras do jogo. O interessante é produzir “a centelha da inquietação, que estimula o leitor a refletir sobre aquilo que vê.” (FERNANDES JUNIOR, 2006. p. 12)

No trabalho Realidades Sobrepostas, brinca-se com a realidade a partir da própria realidade e opta-se por não utilizar ajuda de softwares. Assim como René Magritte (1989-1967) fazia realidades absurdas a partir de imagens reais, verossímeis; neste trabalho o observador é convidado a adentrar num mundo onírico através de imagens extraídas do mundo real. Da mesma forma que “o mundo de Magritte é permeado pelo mistério em que o desconhecido surge do conhecido.” (BRAUNE, 2000. p.44)

Nesta pesquisa de poética visual, optou-se por fotografar imagens que por si só, dependendo da maneira como seriam apresentadas, já suscitariam um estranhamento. O motivo em questão era o pátio de uma casa, suas paredes, seus muros, as árvores, os postes com seus fios de luz, as pessoas que lá estavam, enfim, coisas cotidianas que passam naturalmente despercebidas por nós. Entretanto estas imagens foram captadas através do reflexo que as mesmas produziam na piscina e, ao invés de apresentá-las da maneira como nossos olhos as vêem, foram invertidas fazendo com que a imagem refletida na água passasse a constituir a realidade e esta se transformasse em seu reflexo.

Devido às ondulações da piscina algumas imagens apresentavam distorções variadas, quase não identificáveis e outras extremamente suaves, e assim como no trabalho de Magritte, às vezes, o observador demora a dar-se conta de que aquela figura apresentada não corresponde à realidade vivida.

No entanto, para instigar ainda mais o espectador preferiu-se imprimir essas imagens em transparência e, na finalização da obra, foram sobrepostas em pares. Desta maneira, as duas fotos se fundiram visualmente, deixando de retratar a realidade, esta agora, reinventada.

CONCLUSÕES

A partir destas explanações sobre os caminhos que a fotografia tomou, chega-se ao conceito de fotografia expandida, onde está inserido este trabalho de criação poética: “A imagem é caracterizada pelo sentido de estranheza e exerce fascínio, quando a recepção é convidada a identificar e completar as imagens” (ARAÚJO, 2004. p. 81).

Com este trabalho questiona-se a realidade: o que de fato ela é, será uma verdade absoluta ou cada ser vivo tem a sua em particular, é ela que sugere uma nova visão para as pessoas ou são estas que a transformam... Se existir uma dimensão paralela, como esta poderia ser? O que aconteceria se a penetrássemos? Talvez no mundo dos sonhos, onde os olhos se fecham e as regras desaparecem, a

realidade possa ser reinventada a cada instante. É para essa atmosfera onírica que o espectador é convidado a entrar ao observar as sobreposições.

Este trabalho carrega a fantasia de quando adormecemos: as cores, as formas, as imagens dúbias, as lembranças confusas que temos ao despertar de um universo onde não existem regras.

Figura 1. À esquerda detalhe da Obra Realidades Sobrepostas, à direita visitantes interagindo com a obra na Mostra Didática Fotografia Expandida, realizada em de 2008, no Centro Cultural de Integração MERCOSUL, na cidade Pelotas, RS.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Virgínia Gil. Realidades imaginárias na fotografia- a artificialidade, os espectros e as ruínas da realidade. In: SANTOS, Alexandre; SANTOS, Maria Ivone dos, (Org). **A Fotografia nos Procedimentos Artísticos Contemporâneos**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura: UFRGS, 2004.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. 7.ed. Rio de Janeiro:

BATCHEN, Geoffrey. **Histórias de Assombração** – Os princípios e os fins da fotografia. 1999.

BRAUNE, Fernando. **O Surrealismo e a Estética Fotográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**: e outros Ensaio. Campinas, SP: Papyrus,1994.

FERNANDES JUNIOR. **Rubens. Processos de Criação na Fotografia** – apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica. FACOM.2006.

GAVA, José Estevam. **Momento Bossa Nova**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2006.

IZAR, Antonio. A fotografia – de Mo Tzu, há 250 a.c, até hoje. **Iris**: Fotografia, Cinema, Som, São Paulo, n.334, p.32-38, 1981.

JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. **Iniciação à História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LANGFORD, Michael. **Fotografia básica**. Dinalivro, 1994

MORAES, Angélica. **A fotografia contemporânea e as novas mídias**. Instituto Sergio Motta. Mídia-arte: fomento e desdobramentos. II Fórum de Debates do Prêmio cultural Sergio Motta/Coleção Cultural, São Paulo, 2003.

SCHVAMBACH. Janaina. **As diversas funções da fotografia na arte contemporânea**

SONAGLIO. Vilma. Tangenciando um processo de criação. In: SANTOS, Alexandre; SANTOS, Maria Ivone dos, (Org). **A Fotografia nos Procedimentos Artísticos Contemporâneos**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura: UFRGS, 2004.